A QUESTÃO METODOLÓGICA DA AULA, NA PERSPECTIVA DA LÓGICA DIALÉTICA, E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO PROFESSOR

Fabiano Pires da Silva – UNESP – facefet@hotmail.com
Profª Dra. Maria Eliza Brefere Arnoni – UNESP – meliza@ibilce.unesp.br

INTRODUÇÃO

> Pensar a aula é, inicialmente, compreendê-la no contexto da sociedade, tornando-a como totalidade dinâmica. Nessa concepção, entender a aula é rever sua inserção histórico-social e as relações que a determinam e, em especial, suas possibilidades de influenciar as relações sociais visando transformá-las. ARNONI (2007, p. 121)

O presente trabalho é um convite para aqueles que se interessam pela área de educação escolar, em especial, a de metodologia de ensino entendida como aplicação do método dialético, o caminho teórico para se compreender o mundo natural e humano social como totalidade concreta. A metodologia de ensino, nesta perspectiva, gera o desenvolvimento da aula.

As reflexões aqui declaradas têm início com a Disciplina Metodologia da Mediação Dialética na Educação Escolar: Fundamentos Teóricos e Metodológicos, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) em Educação Escolar, da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – São Paulo – Brasil, desenvolvida pela Profª Drª Maria Eliza Brefere Arnoni, em 2008, que tem nos mostrado, com muita dedicação, um olhar diferenciado para a educação escolar.

Tanto as aulas da referida professora, como seus trabalhos editados e publicados em eventos acadêmicos nacionais e internacionais, despertaram o interesse pela aula como a unidade da Educação Escolar e pela política educacional-oficial do Ministério da Educação (MEC), proclamada como "parâmetro", mas, determinante na atuação do professor em sala de aula. Neste sentido, ARNONI (2007, p. 121 e 122) informa:

> Vivemos hoje a chamada "era da globalização" e esse momento globalizante influência também a aula, desde a elaboração das leis que a regem até as sugestões de conteúdos e a forma de desenvolvê-los que são apresentados pelos órgãos centrais federais, estaduais e municipais. Forma-se assim no cotidiano escolar uma complexa relação entre as normas oficiais da política educacional vigente a aula, nas quais evidenciam dois aspectos: (a) as políticas públicas e normas pedagógicas oficiais não declaram a "aula" como seu alvo primordial de intervenção, mascarando assim sua intencionalidade, que de fato é dominar o espaço/tempo da aula para se manterem hegemônicas e soberanas; (b) a escola vem cultivando a concepção de aula como algo comum, rotineiro e pragmático e, assim, abarca, sob essa denominação, toda e qualquer modalidade de ação entre professor, aluno e conteúdo. Isso decorre do esforço que ela faz para mostrar-se neutra e alheia às influências políticas, uma falsa situação, quando, na realidade, é obrigada a acatar as normas oficiais como "algo" natural e inquestionável. Essa falsa neutralidade colabora para legitimar a aula como espaço apolítico e, desta forma, a escola limita-se a reproduzir o que está expresso implicitamente nas políticas. Dada essa situação, torna-se cada vez mais urgente e necessário estranhar as concepções geradas no campo educacional brasileiro, que reproduzem as relações de dominação presentes na sociedade.

Mesmo tendo críticas às formas de avaliação institucional neoliberal, os dados obtidos pelo **Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo** (SARESP) indicam que a aula não desempenha sua função básica e historicamente determinada, a de garantir aos alunos a

aprendizagem por compreensão dos conhecimentos produzidos socialmente. Segundo Saviani (1997, p. 14), é tarefa da **educação escolar:**

(a) Identificação das formas mais desenvolvidas em que se expressa o saber objetivo produzido historicamente, reconhecendo as condições de sua produção e compreendendo as suas principais manifestações bem como as tendências atuais de transformação;

(b) Conversão do saber objetivo em saber escolar de modo a torná-lo assimilável pelos alunos no espaço e tempo escolares;

(c) Provimento dos meios necessários para que os alunos não apenas assimilem o saber objetivo enquanto resultado, mas aprendam o processo de sua produção bem como as tendências de sua transformação.

Considerando que a afirmação do autor abarca a Educação escolar, em todos os níveis escolares, segundo a Lei 9394/96 (Artigo 21), a Educação Básica (Educação infantil, Ensino fundamental e Ensino médio) e o da Educação Superior, entendemos que este pressuposto teórico referente à Pedagogia Histórico-Crítica, é dirigido ao professor e, respectivamente, ao aluno, expressando a relação pedagógica entre processo de ensino (professor) e processo de aprendizagem (aluno), por intermédio do conceito trabalhado. E, neste aspecto, podemos analisar a entrevista da secretária de Estado da Educação do Estado de São Paulo, Maria Helena Guimarães de Castro:

> O Saresp 2007 mostra que no Ensino Médio a rede estadual tem desempenho bem abaixo do adequado. A média da 3º série (série avaliada pelo Saresp) é de 263,7, com ligeiro crescimento em relação ao desempenho dos alunos das escolas estaduais de São Paulo no Saeb 2005 (avaliação federal), que teve

> média de 261,8. "Mas está aquém do que desejamos para todos os nossos alunos. Temos de trabalhar muito para que o desempenho das nossas escolas atinjam padrões de qualidade que permitam chegar ao nível adequado de 350", diz Maria Helena. "Educação é política de longo prazo, exige persistência e compromisso de todos". http://www.educacao.sp.gov.br/noticias_%202008/2008_13_03_c.asp

A escola básica não desempenha sua função política e social, e, neste aspecto, um dos programas oficiais que determinam o desempenho das escolas, em especial, a busca de padrões de qualidade que permitam chegar ao nível educacional adequado, é o Programa de Nacional do Livro Didático que, em 2007, obteve gastos de R$ 661 milhões no PNLD[1], R$ 221 milhões no PNLEM[2] e, estão previstos R$ 10 milhões para o PNLA[3], programa que está em fase de execução. Por ocupar uma considerável parcela do orçamento da educação, inferimos que o regime capitalista valoriza a presença deste material no cotidiano das escolas básicas e públicas, como também, a sua edição por empresas privadas.

Segundo Tommasi (1996), a gênese deste recurso didático é fruto de estudos promovidos pelo Banco Mundial sobre a presença de determinados "insumos" que intervém na escolaridade, resultando na explicitação de fatores determinantes de um aprendizado efetivo que, em ordem de prioridades, apresenta-se na seqüência: 1. Bibliotecas; 2. Tempo de

---

[1] **PNLD -**O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1929. Ao longo desses quase 70 anos, o programa foi se aperfeiçoando e teve diferentes nomes e formas de execução (ver Histórico). O PNLD é voltado para o ensino fundamental público, incluindo as classes de alfabetização infantil.

[2] **PNLEM -** Implantado em 2004, pela Resolução nº 38 do FNDE, o programa prevê a universalização de livros didáticos para os alunos do ensino médio público de todo o país.

[3] **PNLA -** O Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA) foi criado pela Resolução nº 18, de 24 de abril de 2007, para distribuição, a título de doação, de obras didáticas às entidades parceiras, com vistas à alfabetização e à escolarização de pessoas com idade de 15 anos ou mais.

instrução; 3. Tarefas de casa; 4. Livros didáticos; 5. Conhecimentos do professor; 6. Experiência do professor; 7. Laboratórios; 8. Salário do professor; 9. Tamanho da classe.

No que se refere à política Nacional/Banco Mundial do Livro Didático, a referida autora informa que o objetivo é proporcionar livros didáticos, vistos como a expressão operativa do currículo e contando com eles como compensadores dos baixos níveis de formação docente. Os documentos desta política do Banco Mundial recomendam aos países que deixem a produção e distribuição dos livros didáticos em mãos do setor privado, que capacitem os professores na sua utilização, além de elaborar guias didáticos para estes último.

Entendemos que são múltiplas e complexas as relações que determinam a aula e sua inserção histórico-social e que compreendê-la aumentam as possibilidades de alterar as relações sociais que a engendram, visando transformá-la. Entendemos, também, que um dos determinantes da qualidade da aula é o livro didático. E, neste aspecto, o Guia e Catálogo de Livros Didáticos, organizado pelo Ministério da Educação (MEC) e laborado por uma comissão de professores de várias Instituições de Ensino Superior (IES), validam as coleções enviadas pelas editoras, indicando-as como válidas para a escola pública, pelos próximos três anos.

No entanto, não desmerecendo e nem questionando a capacidade acadêmica dos especialistas convidados para tais avaliações, o procedimento oficial adotado no PNLD deixa o professor no final do processo, restando-lhe, apenas, a possibilidade de escolher uma das coleções indicadas e, se possível, usá-la em aula. Esta atitude oficial convalida e reforça o hiato estabelecido historicamente entre *teoria* e *prática*, pois, o especialista da Educação Superior pensa, elabora e valida o livro didático (teoria) e o professor da Educação Básica o coloca na prática da sala de aula. Acentuando este hiato, o livro didático apresenta tanto o conteúdo (seleção dos conceitos das áreas de conhecimento/pesquisa) como a forma de se praticar estes conteúdos (questão pedagógica/ensino), portanto, é só o professor segui-lo e transpô-lo para a aula. Isto expressa a forma oficial de inviabilizar a participação efetiva do profissional da

educação no planejamento dos fins pretendidos para a Educação Escolar Brasileira, bem como, dos meios para atingi-los e, quem não participa das decisões não as assume como de sua responsabilidade.

Esta situação, dentre outras, reforça a necessidade de buscar uma nova forma de trabalhar os conceitos em uma aula e, neste aspecto, discutiremos a lógica dialética como a lógica que fundamenta a relação pedagógica entre professor e aluno, explicando o processo de ensino (professor), o processo de aprendizagem (aluno), distintos e, ao mesmo tempo, articulados à organização do conceito para o ensino, o conteúdo de ensino, em contexto de aula (ARNONI, 2007).

Veremos que a lógica dialética traz um modo especial de explicar a realidade, dando base para concepção ou visão de mundo, como síntese de múltiplas determinações, trazendo uma contribuição na qualidade do trabalho docente. Esta proposição inovadora considera relevante que o professor determine, a priori, a intencionalidade de sua aula e, a partir dele, identifique inicialmente seu ponto de chegada, estabelecendo as valoriza as relações de tensão entre a Ciência de Referência produzida pelas diferentes áreas do conhecimento, e a Ciência Pedagógica, de base filosófica, segundo a Lógica Dialética, na determinação do ponto de chegada pretendido pelo professor e o o conhecimento inicial do aluno, como ponto de partida da aula. Para o professor desenvolver as relações trabalho pedagógico, acima citadas, ele deve ser planejado, desenvolvido e avaliado, segundo os fundamentos da Lógica Dialética. Planejar, desenvolver e avaliar são fatores constitutivos da aula que desenvolvidos segundo a concepção dialética de mundo natural e humano-social, geram um trabalho teórico-prático capaz de desenvolver a conscientização do professor, no sentido de ele compreender o processo de intervenção no processo de aprendizagem do aluno, promovendo sua autonomia profissional.

Diante da exposição acima, e das literaturas de referência desse trabalho podemos apontar para algumas necessidades para a melhoria da educação escolar como: as que envolvem a relação professor-aluno, a formação continuada do professor e sua autonomia, a alienação, o pragmatismo e tecnicismo, entre outros, que apontam para uma reflexão do

trabalho docente e a aplicação prática dos resultados depreendidos em sala de aula.

Neste contexto, pretendemos discutir a Metodologia da Mediação Dialética - M.M.D. - (ARNONI, 1992, 2001, 2003, 2003ª, 2004, 2004a, 2006, 2006a, 2007, 2008), uma proposição inovadora para a sala de aula.

1. A QUESTÃO METODOLÓGICA DA AULA: M.M.D.

A questão metodológica, segundo Arnoni (2007), é relevante para a educação escolar por proporcionar ou inviabilizar a aprendizagem por compreensão dos conhecimentos historicamente produzidos e validados pela academia. E, segundo a autora, a inovação da proposição metodológica por ela elaborada, a Metodologia da Mediação Dialética, consiste em basear os processos de ensino e de aprendizagem na Lógica dialética e na Ontologia do Ser Social, enquanto a produção do conhecimento científico tem por base a Lógica formal. A metodologia propõe a operacionalização do método dialético no desenvolvimento do conteúdo de ensino e, para isso, é necessário transformar o conceito produzido pelas áreas do conhecimento em conceito para o ensino desta área, em uma aula.

Para Arnoni (2007), a aplicação dos fundamentos teóricos da Lógica dialética, em uma aula, é algo complexo, por tratar de pólos distintos, a teoria e a prática, que se articulam na ação pedagógica do professor ao desenvolver os processos de ensino e aprendizagem. Nesta perspectiva, compreendemos a aula como uma prática pensada, uma das modalidades da práxis, entendida como totalidade, o ambiente natural e humano-social, a prática educativa. O homem é o criador do mundo humano-social, a práxis, condicionada pelas relações dos fatores sociais, naturais, biológicos, políticos, entre outros, e, esses relacionamentos geram o sujeito histórico e, assim, o ser social transforma a realidade, transformando a si mesmo: ao criar é por ele criado.

Diante dessa realidade, nada tem em si sua suficiência, o que gera a incompletude humana é própria de cada um em relação à totalidade dos bens culturais já produzidos pela sociedade, gerando movimento,

contradição e superação, ações dialéticas responsáveis pelo desenvolvimento do sujeito, do pensamento e do contexto.

Para ARNONI (2007, p. 124):

> [...] inserir a dimensão teórico-metodológica da "mediação dialética" na discussão da aula é um desafio que se coloca para o professor, ao ensejar-lhe mudança conceitual, propondo-lhe a aula como totalidade processual, dinâmica e complexa, formada por relações contraditórias, as quais precisam ser estudadas e compreendidas sob a perspectiva dialética para que possam ser superadas, na direção de uma aula crítica, e para a pesquisa acadêmica voltada para o estudo da "ontologia do ser social", área que vem se firmando-se como revolucionária, mas que ainda não compilou dados teóricos voltados a operacionalização ou aplicação da mediação dialética em uma práxis, que pressupõe o devir, como possibilidade de transformação da situação atual.

2. AULA NA PERSPECTIVA DA LÓGICA DIALÉTICA

> Em uma prática educativa crítica, a teoria é o guia da ação, orientando assim a atividade do professor, e a ação é o critério de verdade da referida teoria, na medida em que expressa o influxo/influência da teoria, é uma ação consciente, pensada pelo sujeito que a prática. Para as conseqüentes práticas inovadoras, é necessário enfrentar o desafio de se aplicar na prática, de forma consciente, as idéias pensadas a partir da própria prática, segundo um referencial teórico e transformador. Arnoni (2007, p. 130).

Segundo Arnoni (2008), a aula, como atividade humana, possui todas as qualidades da práxis, entendida como a esfera humano-social do mundo que, ao mesmo tempo, em que é criada pelo homem é, também, a criadora dele. Ela envolve toda a ação do homem, tendo como origem o trabalho, categoria elaborada por Marx. Como, segundo a autora, educação escolar representa uma das dimensões da práxis, a práxis educativa, a aula, nesta perspectiva, é a unidade desta práxis educativa e, portanto, constitui a unidade da Educação Escolar. Para a autora, esta concepção de aula permite entendê-la como *possibilidade de promover intervenções na forma de se compreender as relações que geram o mundo inorgânico, orgânico e humano-social e, em decorrência desta compreensão, a aula potencializa que o ser social provoque e promova intervenções nestas relações, transformando-as na direção da intencionalidade, a priori, pretendida.*

Em relação às qualidades da práxis que Arnoni (2008) a crítica, com a intencionalidade de humanização, constitui a atividade humano-social, de caráter mediato, gerada pela relação dialética entre o homem e natureza e homem e homem, em um mundo compreendido como totalidade complexa e dinâmica, a totalidade concreta como síntese de múltiplas determinações. E, a práxis comum é a atividade humano-social, de caráter imediato, que compreende o mundo como algo fragmentado, caracterizado pela aparente independência dos fenômenos. Ela caracteriza-se como atividade prático-sensível e utilitária do homem, que permite a alienação e a exploração.

Considerando esta concepção de práxis, Arnoni (2006) entende a aula como a unidade da totalidade educação escolar (práxis educativa), um complexo que se relaciona com outros complexos, compondo totalidades mais amplas. Para a autora, o que caracteriza a aula é a intencionalidade elaborada pelo professor, na dependência de sua visão/concepção de mundo, a qual determina a organização do conteúdo de ensino e dos processos de ensino e aprendizagem, bem como, as relações de tensão entre eles no desenvolvimento da aula. A aula, também denominada de prática educativa, tem a intencionalidade de socializar os bens culturais produzidos pelo gênero humano, para que o aluno possa ver o ambiente de forma menos imediata, agindo de forma não alienada.

Assim, a prática educativa/aula/práxis educativa constitui o desenvolvimento do trabalho teórico-prático do professor, o qual lhe possibilita compreender as relações que o geram, como também, optar pela práxis dialética. Esta compreensão assegura que na ação crítica do ser social, unem-se pensamento e ação no devir da prática educativa, ou seja, o vir a ser da prática educativa.

Um alerta segundo Arnoni (2003), na educação brasileira o termo *prática* indica ação pragmática e tecnicista que, além de expressar uma ação inadequada para o ensino, reforça o preconceito de secundarizar a prática, em relação à teoria, uma exigência necessária para a manutenção da hierarquia e da exploração de classes sociais no capitalismo. E, para convalidar esta ideologia dominante que determina as regras do mercado capitalista, a classe dominante cria jargões que se transformam em ditados populares, como a expressão "*uns pensam e outros fazem*", para que a exploração se torne um processo natural, ou seja, apolítico.

Neste aspecto, no cotidiano escolar o referido ditado popular é reforçado e alimentado por outros, como por exemplo, "*a teoria na prática é outra*" ou "*casa de ferreiro espeto de pau*" que legitimam a prática pela prática e informam que os fundamentos pedagógicos, elaborados pelos "*que pensam*" não precisam ser opreracionalizados no trabalho pedagógico, pelos "*que fazem*". E, assim, eles se transformam em pseudojustificativas para explicar o fato de a escola não enfrentar o desafio de superar as contradições que se instalam entre teoria e prática que, por serem termos distintos e não lineares, estabelecem entre si uma relação dialética.

O embasamento teórico é necessário para superar a contradição *teoria & prática,* mas, para ocorrer a superação é necessário que o homem depreenda a contradição do concreto pelo e no pensamento. Portanto, a superação ocorre inicialmente no pensamento, em nível teórico, permitindo, assim, *a interpretação teórica dos problemas postos pela prática*, resultando em críticas que se mostram coerentes com os problemas práticos, porém, críticas teóricas. No entanto, para que a *superação da contradição* interfira no concreto, transformando-o, é necessário aplicar, nesta prática, a interpretação teórica e crítica, decorrente da superação da contradição

ocorrida no pensamento. Pode-se concluir, então, que ao operacionalizar ou aplicar as análises teóricas em uma prática, tem-se uma prática orientada pela teoria que, inegavelmente, move-se pela contradição, permitindo seu desenvolvimento.

Neste contexto, portanto, os ditados populares mascaram, justamente, a ação que permite ao profissional da educação produzir uma prática pensada, segundo uma teoria que lhe explicasse os problemas que ele enfrenta na prática cotidiana. Estas frases, aparentemente, inocentes e neutras, camuflam a norma que oficializa a exploração de uma classe dominante sobre outra, a explorada, na busca de concentração de lucros daquela.

Usando o mesmo procedimento de naturalizar e neutralizar coisas contraditórias que solicitam superação, a afirmação "*a universidade produz conhecimento e a escola transmite*" dicotomiza e separa a *produção do conhecimento científico* do *ensino deste*, informando e afirmando, de forma sublinear, a prioridade da pesquisa sobre o ensino, colocando a educação escolar, incluindo a superior, em posição inferior à pesquisa. Neste aspecto, a concepção de mundo como totalidade concreta (KOSIK, 1995), permite (a) identificar a diferença destes campos distintos, a pesquisa e o ensino, (b) depreender a contradição entre ambos; (c) superar a relação dialética que se estabelece entre eles; (d) compreender a unidade (teoria&prática) desta diversidade, resultando na práxis que objetiva a construção de uma sociedade justa: a humanização e, não, a alienação. Na práxis educativa, a aula representa a unidade da educação escolar.

Esta discussão aponta para a necessidade de pesquisas acadêmicas que explicitem a concepção de aula, em todos os níveis escolares, indistintamente, informando a diferença básica entre aula e comunicação científica. A comunicação científica, como apresentação e explanação dos conceitos produzidos pela pesquisa e aula, como espaço-tempo oficial de socialização dos conceitos produzidos pela pesquisa, de forma a garantir que os alunos, deles, apropriem-se para usá-los na compreensão das relações que determinam do mundo atual.

Constata-se, assim, que a presença do aluno na aula, um outro ser social, além, do professor, constitui o fator central que diferencia a ação do pesquisador da ação do professor. A pesquisa centra-se na relação direta do pesquisador com o conhecimento e a aula, na socialização do conhecimento da pesquisa para os alunos. A aula baseia-se na relação pedagógica entre professor (processo de ensino) e aluno (processo de aprendizagem). É uma relação pedagógica dialética, por se estabelecer entre seres sociais distintos que realizam processos distintos com o conhecimento. Nesta perspectiva, a aula representa a possibilidade de articular o processo de ensino (professor) com o de aprendizagem (aluno), tendo a linguagem como suporte da relação pedagógica para trabalhar o conhecimento. Na situação de aula, a relação pedagógica é dialética, pois, aluno e professor se encontram em planos distintos, *em relação à consciência de ambos sobre compreensão da realidade*, o professor, no plano do mediato, o conhecimento de relações complexas e o aluno, no plano do imediato, o conhecimento de relações simples, em relação ao mediato pretendido. Isto possibilita a intervenção do professor e a superação do plano imediato no mediato, pelo aluno.

Em relação à Educação Escolar, Arnoni (2006a) aponta a Lógica dialética como fundamento teórico e metodológico para informar os processos de ensino, de aprendizagem e de transformação do conceito da pesquisa em conceito para o ensino (conteúdo de ensino), expressos na "Metodologia da Mediação Dialética". A opção por esta proposição metodológica como trabalho pedagógico, exige do professor o desenvolvimento das ações escolares distintas e articuladas - planejar, desenvolver e avaliar suas aulas - , tendo por base a concepção de mundo natural e humano-social, segundo a *totalidade*.

Para Arnoni (2008), a proposição teórico-metodológica da "Metodologia da Mediação Dialética" operacionaliza as categorias do método dialético em uma a aula (práxis/prática educativa), ressaltando a ação de pensar a prática não se realiza, exclusivamente, no momento de sua execução, visto que a intencionalidade é decidida *a proiri.* Assim, nesta proposição, a totalidade concreta é o ponto de partida e o de chegada,

diferenciados qualitativamente, como mostra as etapas desta metodologia, resumidamente, apresentadas:

1º momento - Resgatando/Registrando

Resgatar é buscar um mesmo ponto de partida para o processo de ensino, provisoriamente comum ao professor e ao aluno por intermédio de diferentes linguagens: oralidade, desenho, recorte, dramatização, mímica, poesia, música, colagem, relato, texto escrito etc. A questão do registro refere-se aos diferentes usos que se pode fazer da língua, dependendo da situação comunicativa. O professor apresenta aos alunos uma série de atividades que envolvem o conteúdo trabalhado, e o aluno, ao desenvolvê-las, representa suas idéias iniciais sobre o referido conteúdo. O registro dessa produção, ainda que de forma confusa, representa a objetivação do saber subjetivo do aluno, e o professor, de posse dessas informações, delimita o saber que o aluno possui do objeto em estudo e, ao compará-lo com o saber pretendido, depreende a tensão entre ambos e elabora a problematização.

2º momento – Problematizando

Problematizar é colocar o sujeito em uma situação de ensino problematizadora, capaz de levá-lo a compreender mentalmente as divergências entre seu saber imediato e o saber mediato trabalhado pelo processo de ensino. A problematização explicita as divergências entre esses saberes, tensionando-os pela contradição, bem como estimula o aluno a pensar e elaborar soluções por intermédio de seus saberes disponíveis e, simultaneamente, leva-o a perceber que seus saberes iniciais não são suficientes para a resposta suscitada. Essa contradição, além de gerar

necessidade cognitiva (motivação), cria possibilidades para o sujeito investigar e buscar novas relações. A atividade problematizadora, para ser percebida e compreendida pelo pensamento, precisa apresentar a qualidade particular de não facilitar e nem dificultar em demasia seu entendimento. Ela é capaz de gerar tensão entre o saber específico do aluno (imediato) e o saber geral da produção científica (mediato) e de estimular o aluno na busca de novos saberes.

3º momento - Sistematizando

Sistematizar é desenvolver situações de ensino que possibilitem ao aluno compreender as relações de sentido entre aspectos do seu saber imediato e elementos do saber mediato pretendido, por intermédio do diálogo. Esse diálogo, promovido pelo professor, favorece a explicitação dos aspectos da problematização, a discussão do saber científico a eles relacionado, potencializa que o pensamento gere a superação do imediato no mediato, a elaboração de sínteses cognitivas e a internalização do saber aprendido.

4º momento - Produzindo

Produzir é desenvolver situações de ensino, para que o aluno possa expressar as sínteses cognitivas elaboradas, ao vivenciar as etapas da MMD. O aluno, por intermédio das diferentes linguagens, apresenta o saber elaborado, os conceitos. É o ponto de chegada do processo de ensino, um saber provisório que se torna imediatamente um novo ponto de partida, constituindo-se em um elemento imprescindível para avaliar o referido processo. (ARNONI, 2008, p. 233 a 235)

Diante desta proposição para a aula, é possível considerar o professor como produtor de um conhecimento sobre uma situação escolar particular. Este conhecimento produzido pelo professor não tem registro, o que inviabiliza sua análise, segundo uma perspectiva teórica, no sentido de superá-lo em seu desenvolvimento histórico na educação escolar, perdendo-se no cotidiano escolar, um percurso diferente do conhecimento produzido pela pesquisa. Pari passo, a educação escolar é palco de determinações oficiais periódicas sobre os conteúdos a serem ensinados e a forma de ensiná-los, somado à diversidade de propostas distribuídas pelos livros didáticos. Concluindo, o cotidiano escolar é um eterno "engatinhar das questões pedagógicas", diferentemente do desenvolvimento da pesquisa, uma diferença *natural* ou *intencional* dada aos procedimentos que trabalham com o conhecimento?

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto centra-se na aula, como unidade da educação escolar, e, para compreendê-la, como tal, apresenta a proposição teórico-metodológica da "Metodologia da Mediação Dialética", pautada na relação pedagógica entre professor e aluno, segundo a Lógica dialética.

Considerando a relevância desta proposição na formação inicial e continuada do professor, como profissional da educação escolar, voltamos às discussões sobre relações pedagógicas, como encerramento que, ao mesmo tempo, expressa a necessidade de novas contribuições.

Nesta perspectiva, chamamos a atenção dos equívocos que ocorrem quanto à natureza da relação pedagógica entre o professor e o aluno. A tensão dialética que esta relação não é propiciada pela diferença entre o conhecimento do professor, fundamentado na Ciência, e o conhecimento do aluno, baseado nas experiências do cotidiano. Não há dúvida de que se estabelece uma tensão entre o professor e o aluno, porém ela não é

propiciada pelo conhecimento, mas sim, pela diferença do estado da consciência de ambos em relação à compreensão da realidade.

Em situação de aula, o professor tem, ou deveria ter, uma compreensão mediata do real (relações complexas) enquanto o aluno, em relação a este plano do mediato, encontra-se no plano do imediato (relações simples), pois, conhece a realidade a partir do imediato. Na tensão que se estabelece entre esses dois pólos da relação, o docente tenta fazer com que o estudante supere a sua compreensão imediata no mediato.

O conhecimento é quem distingue os dois estados: a compreensão mediata do real só é possível por meio da tensão entre o fenômeno imediato e o conhecimento produzido e sistematizado pela humanidade nas ciências e na filosofia. Desta forma, o conhecimento é fundamental na relação pedagógica, mas ele não a realiza, quem a desenvolve é o professor quando tenciona o conhecimento produzido pela humanidade com a experiência imediata do estudante. A tensão entre o imediato e o mediato é o fundamento ontológico da relação pedagógica.

Finalizando, a compreensão desta proposição teórico-metodológica desde uma perspectiva dialética e ontológica transforma a relação pedagógica que deixa de ser centrada no conhecimento para centrar-se no Ser, o Ser Social (LUKÁCS, 1979). O transformar da relação pedagógica implica a mudança radical das relações na sala de aula que, deixam de ser centradas no professor, como quer a pedagogia tradicional, ou no aluno como propõe as pedagogias novas. Estas relações passam a expressar a tensão entre o professor (plano do mediato) e o aluno (plano do imediato, em relação ao mediato organizado pelo professor).

E, este trabalho vem, justamente, propor a possibilidade de intervenção na "mecanização da educação", ao discutir a aula como prática/práxis educativa pensada, com a intencionalidade de promover a socialização do saber culturalmente produzido, em que o aluno elabora sínteses e supera o seu conhecimento inicial, e o professor desenvolve sua profissão, de forma adequada, na sociedade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNONI, Maria Eliza Brefere. **Ciências nas séries iniciais de escolarização**: a construção do conhecimento. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, São Carlos, SP.

ARNONI, Maria Eliza Brefere. **A prática do estagiando do magistério na perspectiva da práxis educativa**: uma análise do Estágio Supervisionado do CEFAM de Jales. 2001. 227 f. Tese (Doutorado em educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

ARNONI, Maria Eliza Brefere. **Cuestiones de ensenãnza**: la dialectica del trabajo educativo. In: Congresso Internacional "Pedagogia 2003 - Encuentro por la unidad de los educadores", Cuba, Havana, 2003a. Palácio de Convenção de Havana. CD-ROM Softcal Empresa de Desarollo y Producción de Software de Qualidad, ISBN 959-7164-37-X. Tradução: Questões sobre o ensino: a dialética do trabalho educativo.

ARNONI, Maria Eliza Brefere. **Trabalho educativo e mediação dialética**: fundamento teórico-filosófico e sua implicação metodológica para a prática. In: Seminário Internacional de Educação – Teorias e políticas, 2003a, UNINOVE, São Paulo, SP. CD-ROM, Seminário Internacional de Educação – Teorias e políticas, ISBN: 85-89852-03-2.

ARNONI, Maria Eliza Brefere. The mediation, their methodological implications and the matter of the environmental theme. In: Discursos: Língua, Cultura e Sociedade (Número especial). **Tendências actuais em Educação Ambiental**. Universidade Aberta, Lisboa: Portugal, **2004**. ISSN 0872-0738. p.213-222.

ARNONI, Maria Eliza Brefere. **Dialética do trabalho pedagógico**: fundamentos filosóficos e suas implicações metodológicas. Revista UNORP – Centro Universitário do Norte Paulista. São José do Rio Preto, SP, Ano 3, V.8. p.41-49, maio 2004a. ISSN 1678-1902

ARNONI, Maria Eliza Brefere. "Metodologia da Mediação dialética" e o ensino de conceitos científicos. In: **CD-Rom XII ENDIPE** – Conhecimento local e Motivação para a aprendizagem conhecimento universal, Curitiba, PR. 2004a. ISBN: 85 7292-125-7

ARNONI, Maria Eliza Brefere. Ensino e Mediação Dialética: aula na concepção filosófica da práxis. In: PAGNI, P (ORG.). Perspectivas Contemporâneas da Filosofia da Educação – coletânea de textos do I Simpósio Internacional em **Educação e Filosofia**. Marília: FFC/Unesp, 2006. CD-ROM. ISBN 85-86738-3-6.

ARNONI, Maria Eliza Brefere; ALMEIDA, José Luis Vieira de; OLIVEIRA, Edílson Moreira. Mediação pedagógica: dos limites da lógica formal à necessidade da lógica dialética no processo de ensino-aprendizagem. In: 29ª. Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: desafios e compromissos. 2006, Caxambu. **CDROM - 29ª. Reunião Anual da ANPED** (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: desafios e compromissos .. Caxambu, 2006a.

ARNONI, Maria Eliza Brefere; ALMEIDA, José Luis Vieira; OLIVEIRA, Edilson Moreira. **Mediação Dialética na Educação Escolar**: teoria e prática. São Paulo: Edições Loyola. 2007. ISBN 978-85-15-03440-6.

ARNONI, Maria Eliza Brefere. "Metodologia da Mediação Dialética" na aplicação dos princípios dialéticos em uma aula: superando a interpretação filosófica. In: **Sala de aula**: ensino e aprendizagem. (org.) GRANVILLE, M.A., Campinas, SP: Papirus, 2008. ISBN9788530808648.(p.225-246)

KOSIK, K. **Dialética do concreto.** São Paulo: Paz e terra, 1995.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**: a falsa e a verdadeira ontologia de Hegel. [Trad] Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica**: primeiras aproximações. 6 ed., Campinas, SP: Autores Associados, 1997. ISBN 8585701099

TOMMASI, Lívia de. Financiamento do Banco Mundial no setor educacional brasileiro: os projetos em fase de implantação. In: Tommasi, L. De e outros (orgs). **O Banco Mundial e as políticas educacionais**. São Paulo: Cortez Editora, 1996. Cap V, p.195-227.